

A constituição subjetiva das egressas do sistema carcerário feminino no interior goiano

Gabriela Magalhães Sabino (PG)^{1*} gabymagal15@outlook.com, Luana Alves Luterman (PQ)²

Universidade Estadual de Goiás- Câmpus Cora Coralina. Avenida Dr. Deusdete Ferreira de Moura - Centro, Goiás - GO, 76600-000.

Resumo: Objetivamos apresentar os resultados parciais de pesquisa sobre os processos de subjetivação de egressas do cárcere feminino do interior goiano. Esses enunciados são clivados por discursos que revelam a ordem da dizibilidade sobre castigos, suplícios, saberes e poderes disciplinares. O corpus de pesquisa é composto por enunciados produzidos por sete egressas do interior do estado de Goiás e, no caso desta investigação, apresentamos a análise dos enunciados de duas informantes. Mobilizamos a fundamentação teórica da Análise de Discurso de linha francesa, que considera a relação indissociável entre língua, sujeito, contexto sócio-histórico e ideológico, além das considerações sobre os estudos foucaultianos sobre o cárcere, tais como: *Em defesa da sociedade* (1999), *Segurança Território e População* (2008) e *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a), *A Ordem do Discurso* (2014b). A metodologia consiste em coleta de dados por uma pesquisa de campo realizada por uma entrevista estruturada. Como resultados parciais, percebemos que as práticas de si por meio da disciplinarização do corpo das mulheres que estiveram encarceradas são permeadas pela biopolítica, pelo poder pastoral e, simultaneamente, pelo biopoder. Assim, analisamos como funcionam a ética e a estética das existências das mulheres pesquisadas.

Palavras-chave: Práticas de subjetivação. Cárcere feminino. Disciplina. Saber. Poder.

Introdução

O cárcere na contemporaneidade é um reflexo da construção histórica dos suplícios (tortura, danação, arrependimento). Posteriormente, as exclusões sociais permanecem, com o aparecimento dos estabelecimentos penais e assim a privação da liberdade como pena: os castigos físicos cedem espaço para as penitências psicológicas, éticas e morais, como explica Foucault (2014a, p.73), conforme o que se concebia na segunda metade do século XVIII: “Que as penas sejam moderadas e proporcionais aos delitos, que a de morte só seja imputada contra os culpados

¹ Estudante e Bolsista do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

² Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

assassinos, e sejam abolidos os suplícios que revoltam a humanidade”. Nesse sentido, a prisão foi pensada como uma instituição para sujeitos que tiveram uma conduta desviante, que ferisse o código moral de uma sociedade, ou a Constituição Federal. A função da prisão era propiciar que esses indivíduos pudessem retornar à sociedade por meio da ressocialização. Segundo Foucault (2014, p.242),

A prisão, local de execução de pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos, Vigilância, é claro. Mas, também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora: as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados.

Logo, a prisão, além de vigiar, também dispõe de mecanismos disciplinares para formação de um saber clínico sobre esses apenados. Dessa forma, este trabalho tem o intuito de abordar a realidade sobre os corpos dóceis e disciplinados pelo sistema carcerário feminino no interior goiano. Percebemos que as temáticas envolvendo o cárcere não tem sido discutidas e problematizadas de forma suficiente, pois os discursos que circulam na sociedade são os legitimados pela reiteração da exclusão dos corpos infames, periféricos no âmbito econômico, racial, sexual. Por isso, é necessário compreendermos os discursos por meio de enunciados das ex-presidiárias acerca dos processos de disciplinarização de seus corpos.

Entendemos a importância de estudar esse locus por meio dos estudos da linguagem, neste trabalho, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, juntamente aos apontamentos de Michel Foucault, sobre corpos dóceis, para, além de propiciar visibilidade aos enunciados de mulheres que foram encarceradas e disciplinadas, descrever, interpretar e analisar o contexto de exclusão delas. Além disso, por meio da disciplina com os corpos docilizados e adestrados utilizando o mecanismo do panóptico apresentado na obra *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a). Mobilizaremos *Segurança, território e população* (2008) e poder, direito e verdade, além de técnicas de disciplinarização dos corpos, por meio da obra *Em defesa da Sociedade* (1999).

Portanto, trazemos uma reflexão sobre como esses corpos são subjetivados no cárcere, enfocando perspectivas de linguagem por meio da Análise do Discurso

vinculadas às questões sociais com vistas a promover um espaço de escuta empática ao nicho social de que pouco - ou nada - se fala. Em outras palavras, atentar-nos-emos a um problema social emergente, que é o encarceramento feminino, e como esses corpos são alvos de poder, se tornando corpos dóceis submetidos e utilizados por meio das práticas disciplinares a partir das narrativas de alguém que, de fato, vivencia/vivenciou as complexidades inerentes a esse lócus social.

Material e Métodos

Para este trabalho, a coleta de dados foi feita a partir de duas entrevistas orais estruturadas realizadas com duas informantes que são egressas do sistema prisional feminino goiano. A primeira tem vinte e cinco anos, com ensino fundamental incompleto, autodeclarada heterossexual e parda, que sempre residiu em bairros periféricos, em cidades do interior, do Estado de Goiás. Atualmente reside em Paraúna. Já a segunda informante tem quarenta e seis anos, com ensino médio completo e curso técnico, autodeclarada heterossexual e parda, que reside em Goiânia. Solicitamos que as participantes assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido. O foco dessa investigação é compreender a constituição subjetiva das narrativas dessas egressas por meio das suas práticas de liberdade/submissão, porque não existem muitas pesquisas sobre essa temática, justamente por ser uma comunidade invisível para a sociedade.

Remetemos à subjetividade desses corpos dóceis e disciplinados porque durante o encarceramento eles já são ocultos e, sob a condição pós-carcere, sofrem o preconceito da sociedade por serem ex-presidiárias, carregam e sentem essa dor. Mas, é interessante perceber como essas mulheres apresentam a relação de desejo de ser governada por aquele poder e ao mesmo tempo querem admitir práticas de liberdade. Aspectos importantes do contexto apresentar-se-ão, de forma que foi considerada uma entrevista que trata da subjetividade, ou seja, de algo inesperado. Desse modo, reclamavam da liberdade em excesso, de ficar limpando a cela. E ao mesmo se sentiam mal por estarem presas, porque o castigo era algo punitivo, por isso, entraram em contradição, pois elas queriam ser governadas e ao mesmo tempo não queriam.

Resultados e Discussão

Nesta investigação, focalizamos as práticas de docilidade e processos disciplinares sobre os corpos encarcerados que, para Foucault (2014a), são controlados de forma constante e minuciosa, sendo sujeitados a uma relação de “docilidade-utilidade”. Mais precisamente, interessamo-nos em analisar os discursos de egressas do cárcere feminino do interior goiano, quando foram incitadas a falar sobre sua perspectiva em relação a todo o processo de encarceramento, ou seja, de mecanismos que controlaram esses corpos. A relevância deste trabalho que ora propusemos consiste no fato de que, ao assumir o protagonismo em nossa pesquisa, essas mulheres contribuem com reflexões críticas sobre uma temática que envolve um preconceito enraizado, já que, para a sociedade, as práticas discursivas dessas mulheres não é algo relevante, pois são invisíveis e apagadas. O que realmente é feito com essas mulheres nada mais é do que um controle sobre seus corpos.

Considerações Finais

O que compreendemos da pesquisa realizada é que muitos são os resquícios das práticas de docilização nos corpos dessas mulheres, com ênfase na organização do espaço e no controle do tempo. Outro ponto que foi evidenciado é a forte manifestação das práticas de liberdade/submissão na situação atual do cárcere. A tônica de nossa pesquisa são os discursos que emergem da subjetividade dessas egressas, sobre estarem presas, mas se sentirem ociosas. Além disso, mencionamos também o poder pastoral, que, segundo Foucault (2008), é definido por meio do seu bem-fazer, é um poder de cuidado. Ainda, podemos afirmar que o poder pastoral é uma ideia de poder que exerce uma multiplicidade em um território, no caso desta investigação, o cárcere, mas também pela forma como são tratadas a partir do momento que são algemadas. Para Butler (2019), tentar fundamentar, ou até mesmo verificar, as ofensas e violações, leva à compreensão de que a própria matéria se funda em outras violações, que ocorrem de forma inconsciente e repetida na contemporaneidade.

Agradecimentos

Agradeço a Coordenadoria Central de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás por me aceitar como bolsista, proporcionando-me uma oportunidade de aprendizado e de pesquisa no espaço acadêmico.

À professora Luana Alves Luterman, por sua orientação durante todo esse período no mestrado.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Verônica Daminelli Yago Françolli. São Paulo. N-1 edições. Crocodilo Edições, 2019.

FOUCAULT. Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a. [1975].

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France. edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de Francois Ewald e AJessandro Fontana; tradução Eduardo Brandao; revisão da tradução Claudia Berliner. – São Paulo : Martíns Fontes, 2008.- (Coleção tópicos).